

Reflexões sobre o Nacionalismo na América Latina e as vias de comunicação como difusoras de consciência nacional na Argentina

Gerson Galo Ledezma Meneses¹

Resumo: neste artigo algumas reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo na América Latina constitui-se na busca de um modelo teórico e metodológico que nos ajudasse a entender o surgimento do nacionalismo na Argentina, na segunda metade do século XIX. Propomos que na criação e difusão do nacionalismo teriam cumprido papel importante as vias de comunicação tais como linhas de ferro, estradas e vias fluviais, além do telégrafo.

Palavras-chave: *Nacionalismo; vias de comunicação; Argentina.*

Introdução

Baseados em documentos elaborados na comemoração do I Centenário da Independência na Argentina, em 1910, e em fontes bibliográficas sobre teoria do Estado, da nação e do nacionalismo, propomos neste artigo que além de imagens, imprensa e imaginário geográfico, as vias de comunicação teriam propiciado o surgimento de uma consciência nacional na América Latina, tomando como exemplo a Argentina. Para melhor expor o problema nos baseamos nos postulados de Benedict Anderson ao propor o nacionalismo como sendo uma comunidade imaginada que teria aparecido em vários países do mundo devido à difusão da imprensa (romance e jornal), incluindo a América Latina. Para Hans-Joachim König o nacionalismo na Nova Granada teria surgido depois das reformas implantadas pela Coroa espanhola na segunda metade do século XVIII e devido a um imaginário geográfico, consequência de viagens científicas; finalmente estudamos os argumentos de Enrique Florescano que destaca as o papel especial das imagens na invenção da nação².

¹ O autor é professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Licenciado em História pela Universidade do Cauca, Popayán; com mestrado em História Andina pela Universidade do Vale, Cali e Dr. em História pela Universidade de Brasília. gersonledezma@yahoo.com

² Demétrio Magnoli, influenciado pelos trabalhos de Hobsbawm, tem certeza que Estado e nação ao surgirem de um mesmo processo teriam dado origem ao nacionalismo: “Estado e nação surgiram paralelamente, como dimensões interligadas de um mesmo processo histórico. O estado contemporâneo ergueu-se sobre a delimitação precisa do território e a imposição de uma ordem jurídica e política homogênea. A nação ergueu-se sobre a consciência da unidade cultural e do destino de um povo, expressa nos símbolos da pátria e apoiada na distinção entre o natural e o estrangeiro. Apenas o Estado-Nação associou definitivamente os conceitos de povo e nação ao território, estabelecendo os vínculos de natureza abstrata – ou seja: ideológica – entre eles. (p.15). Esse processo, segundo Magnoli, seria camuflado pelo nacionalismo. Na linguagem do nacionalismo, as nações seriam tão antigas quanto a

O nacionalismo na América Latina e o modelo das crises

Concordamos com Hans-Joachim König ao afirmar que o estudo do nacionalismo pode parecer problemático devido ao conteúdo ambíguo do conceito e o desprestígio da categoria (KONIG, 1994, p. 19).

O nacionalismo tem sido objeto de estudo a partir de diferentes campos das ciências sociais; cada área tem contribuído com interpretações e definições sobre o tema como os clássicos estudos de Eric Hobsbawm (1990), Ernest Gellner (1998), entre outros. A partir destas abordagens o nacionalismo tem sido visto como invenção, fabricação, falsidade, ideologia ou *tradição inventada* como em estudo mais recente do historiador Hobsbawm (HOBSBAWM & RANGER, 1994). Benedict Anderson dá aos *criollos* das colônias americanas o lugar de pioneiros no processo de construção da *comunidade imaginada* (ANDERSON, 1993).

König não parece satisfeito com as afirmações de grande parte dos estudiosos do nacionalismo porque estes se ocupam mais das manifestações do nacionalismo e seus conteúdos, ou seja, dos critérios básicos da nacionalidade como a língua, a cultura, a raça, o destino histórico compartilhado, a história comum, etc., do que de analisar as condições de formação e as diferentes funções que foi trazendo o nacionalismo, segundo sua situação histórica.

Por tanto, König propõe o ‘modelo de crise de desenvolvimento político’, elaborado pelo *Committee on Comparative Politics*. As sociedades, no curso da sua modernização política, como parte de um processo de modernização mais amplo, vêm-se enfrentadas a seis problemas ou desafios que os governos ou as elites políticas (sobre as que recaem a responsabilidade da tomada de decisões) devem resolver para evitar situações concretas de crises. A saber: 1- A crise de penetração (o problema de uma administração efetiva, que alcance todos os níveis sociais); 2- a crise de integração (o problema da integração das diferentes camadas sociais e a vida pública); 3- a crise de participação (o problema da participação política de grupos cada vez maiores no poder político); 4- a crise de identidade (o problema da identidade nacional, ou seja, da criação de uma consciência nacional comum, da identificação dos distintos grupos da sociedade com a sociedade como um todo e com o respectivo sistema político); 5- a crise de legitimidade (o problema da legitimidade do poder, da responsabilidade do

história. “Historicamente, seriam um produto recente do nacionalismo, que operou a ‘invenção das tradições’, enraizando no imaginário coletivo os sentidos de unidade e destino nacional”. (MAGNOLI, 1997, p. 15).

governo e do reconhecimento do sistema por parte da população) e 6- a crise da distribuição (o problema da divisão de bens e recursos no interior da sociedade).

Várias razões induzem o autor a utilizar este modelo como instrumento heurístico para estudar o nacionalismo: não afixa uma sequência rígida de crises e desafios, nem uma sequência universalmente válida de etapas evolutivas, tal a proposta de Anderson. O modelo permite analisar as circunstâncias históricas concretas em cada caso em relação tanto com fatores internos de mudança social quanto com os fatores externos do processo de modernização, como a guerra e a dominação colonial, o imperialismo e a política internacional ou, em termos gerais, a influência das sociedades desenvolvidas sobre as assim denominadas sociedades em vias de desenvolvimento. Este modelo permitir-nos-á analisar o estudo sobre as vias de comunicação e a consciência nacional na Argentina.

Comunidades imaginadas

Benedict Anderson percorre o surgimento da imprensa e as consequências desta invenção especialmente no século XVI, junto com os desdobramentos da Reforma luterana, após 1517 e o encontro com o capitalismo. O autor resume assim a sua proposta: a convergência do capitalismo e a tecnologia impressa aplicada na diversidade de línguas surgidas na Europa e faladas pela população teriam feito possível uma nova forma de comunidade imaginada, que na sua básica forma criaria o cenário para o surgimento da nação moderna (ANDERSON, 1993, p. 75).

Sem possuírem uma língua que as diferenciasse das metrópoles ou entre si mesmas, para o caso das colônias espanholas, como as colônias americanas conseguiram forjar o nacionalismo? Um alto grau de nacionalismo teria surgido nas Américas ainda no final do século XVIII, antes do surgimento do processo na Europa, na Ásia e na África, devido às políticas reformadoras derivadas da Ilustração e as políticas metropolitanas contra os *criollos*. Isto teria convergido com as novas ideias de liberdade, igualdade e fraternidade vindas da Europa. Mas, tudo isto, segundo Anderson, não explicaria o fato de que entidades como Chile, Venezuela ou México, fossem possíveis no campo emocional e no cenário político; como tampouco explicaria o alto grau de sacrifício enfrentado pelos *criollos* dispostos a entregar tudo pela causa libertadora. Segundo o autor, isto se explica, porque cada uma das novas repúblicas sul-americanas havia sido uma unidade administrativa desde o século XVI até o XVIII.

Porém, com o passar do tempo, teriam desenvolvido uma realidade mais consistente sob influência de fatores geográficos, políticos e econômicos.

Além das políticas monopolistas desenvolvidas pela Coroa, isolando mercados e criando estratégias de comércio apenas entre as colônias e a metrópole e não entre si. Mas, de que forma essas unidades administrativas chegaram a ser concebidas como pátrias através do tempo? Anderson conclui que não apenas as ideias da Ilustração ou do liberalismo e suas formas econômicas criaram a comunidade imaginada que se converteu na defensora dos interesses americanos contra os impérios ibéricos e o inglês. Neste sentido, os funcionários *criollos* peregrinos e os impressores *criollos* das províncias teriam desempenhado papel histórico decisivo entre 1760 e 1830 (ANDERSON, 1993, p.101). O que significa então que na medida em que a imprensa se espalhou pelos espaços ocupados pelos colonizadores, no final do século XVIII e começo do século XIX, os *criollos* foram construindo uma ideia de pátria imaginada devido, também, às viagens ou peregrinações, como Anderson prefere chama-las, tanto dos funcionários imperiais quanto dos *criollos* ilustrados, como San Martín ou Simon Bolívar.

Imagens e imaginário geográfico na construção nacional

Até certo ponto, nós achamos corretos os postulados de Anderson. Porém, pensamos que colocar a imprensa como forjadora do nacionalismo, ou da Nação, é problemático. Isto significaria continuar aceitando o papel da escrita como parâmetro para medir o grau de civilização das comunidades, dando, inclusive, o lugar de pré-históricos àqueles povos que careceram dessa prática cultural. Este tipo de interpretação acompanhou a história da Europa desde o período medieval até a Renascença. Neste sentido, o papel da imagem ficou relegado a um segundo plano pela linguagem escrita como principal meio de comunicação. A difusão do livro impresso avassalou os discursos falado e visual. O texto escrito adquiriu o peso de testemunha verdadeira, tal como reconhece Elizabeth L. Eisenstein (EISENSTEIN, 1993). Porém, mesmo que a Reforma luterana tenha proibido a reprodução das imagens sacras, o movimento artístico secular se fez presente para valorizar a imagem que, aos poucos, foi tomando lugar preponderante em toda Europa. Mas, se a imagem foi sendo recuperada no Velho Continente, no Novo, depois da invasão em 1492, foi desqualificada.

Baseados em Enrique Florescano entendemos que na América, além do livro e do jornal, teve papel importante o poder da imagem no século XVIII. A imagem teria

cumprido função unificadora do território, ao mesmo tempo proporcionava uma unidade de tipo religioso e administrativo nos vários vice-reinos. Todavia mais importante, as imagens foram construindo a ideia de nação e de patriotismo, tal como Guadalupe, o escudo de armas de Tenochtitlan, a águia asteca e o cacto, ainda em meados do século XVIII.

Nesta época, uma combinação de acontecimentos converteria Guadalupe no símbolo religioso mais venerado e no polo que unificou as aspirações de identidade dos vários contrastados setores da sociedade novo-hispana. Em 1737 Guadalupe cobrou nova dimensão ao ser declarada padroeira da cidade do México. Depois, em 1746, Cayetano Cabrera y Quintero publicou um livro sob o título *Escudo de armas de México*, colocando a virgem como salvadora da terrível epidemia de matlazahuatl que dizimou o reino da Nova Espanha. Estes reconhecimentos se acentuariam quando em 1754 o papa Benedicto XVI a confirmou como protetora desse reino e dispôs uma festa litúrgica no calendário cristão.

Desta maneira, a *comunidade imaginada*, não necessariamente, teve sua aparição sob influência da imprensa (jornal e romance). Segundo Konig, para o caso da Nova Granada, o patriotismo surgiu como consequência das políticas da Ilustração implementadas pela metrópole espanhola nas suas colônias, mas também por causa das viagens científicas como a de José Celestino Mutis ao vice-reino para tentar desvendar as reais possibilidades das colônias. Assim, tentava-se colocar em prática as novas políticas econômicas para ilustrar o Império e realizar uma revolução industrial, tal como na Inglaterra. Nessas viagens científicas pelo território da Nova Granada, vários cientistas *criollos* embarcaram.

Assim, mostramos que a imprensa (romance e jornal), o imaginário geográfico e a imagem contribuíram em vários lugares do mundo para forjar as *comunidades imaginadas*.

Neste artigo propomos que, na América Latina da segunda metade do século XIX, foram as vias de comunicação o ingrediente que contribuiu para a realização da *comunidade imaginada*. Neste sentido, apropriamo-nos do modelo das *Crises* usado por Konig, pois o modelo permite flexibilidade na análise do tema. A Argentina da segunda metade do século XIX atravessou por várias crises: fossem elas relativas à penetração, à integração, à participação, ou de legitimidade e de distribuição de bens. Além da crise da identidade nacional. Depois de um longo período de guerras civis, o país enfrentará o

problema da falta de integração nacional devido à ausência de vias de comunicação que tirassem as diferentes regiões do esquecimento e isolamento. Isto não ocorreu apenas na Argentina, mas houve problema semelhante no Brasil, na Colômbia, no México, na Bolívia e entre outros países da América Latina. As vias de comunicação teriam tornado possível a circulação, não apenas de bens de consumo, mas de pessoas e de cultura. Pessoas de uma comarca agora podiam viajar para outras e conhecer pessoas as que chamariam de compatriotas, num tipo de *comunidade imaginada*, baseada no conhecimento mútuo. Neste âmbito, o Estado teria papel importante como difusor, por meio das vias de comunicação, de educação e de cultura, mas também de símbolos pátrios e festas nacionais.

Sem comunicação, não teria sido possível a integração nacional e o surgimento de uma identidade comum com o objetivo de construir o nacionalismo apenas por meio de imagens, do processo educativo, da língua, enfim da cultura e da escrita (imprensa, romance e jornal). Eram necessárias as vias de comunicação para que esse almejado progresso, tão caro às elites liberais, chegasse a todos os cantos dos diferentes países e, dessa forma, espalhassem as imagens, os símbolos e os projetos econômicos que ajudariam na concretização do Estado, da nação e, também do nacionalismo. Num momento decisivo da história do continente, quando a maioria das ex-colônias havia projetado a imagem das novas repúblicas latino-americanas. Magnoli afirma: “O estado contemporâneo ergueu-se sobre a delimitação precisa do território e a imposição de uma ordem jurídica e política homogênea”³.

Consideramos que em muitos dos novos países da América Latina, na segunda metade do século XIX, surgirá um novo tipo de nacionalismo que o momento de inserção das economias locais no âmbito internacional exigirá das republicas liberais depois de 1870, para poder ter acesso ao progresso e à civilização. Nacionalismo promovido pelas classes altas liberais e meios aristocratas ou conservadoras, tal como na Argentina da segunda metade do século XIX.

Vias de comunicação e consciência nacional argentina 1860-1910

Durante a primeira metade do século XIX, as elites argentinas das diferentes províncias tiveram discórdias. De modo geral, após apaziguarem os conflitos, entraram

³ Demétrio Magnoli tem como um dos principais escopos mostrar a formação nacional como extremamente condicionada pelos processos de conquista e apropriação de espaços, em que a própria construção material do país é alçada à condição de projeto nacional básico e recorrente (MAGNOLI, 1997).

em consenso por meio de alianças de tipo econômico e político. Buenos Aires compartilharia com o resto das províncias os extraordinários benefícios obtidos pela administração do principal porto sobre o rio da Prata. Todas unidas teriam a oportunidade de se inserir, em condições similares, ao capitalismo mundial de cunho agroexportador. Cada uma contribuiria com seus próprios bens de consumo, incentivariam a colonização dos territórios ainda em poder dos “bárbaros” e, assim, a elite local, antes marginalizada por Buenos Aires, gozaria da ordem e de progresso que entre 1880 e 1910 os levaria a se caracterizar como mais uma civilização argentina, como no modelo europeu.

Argentina mostrou que havia atingido esse grau de civilização e de unidade política e nacional, em 1910, quando comemorou cem anos de Independência. O discurso da imprensa, dos políticos, literatos e viajantes mostram o alto grau de progresso alcançado nesse período. Em pesquisas anteriores sobre a comemoração do I Centenário da Independência no Brasil, na Colômbia, no Chile e na Argentina, nos deparamos com inúmeras fontes que mostraram a viabilidade da hipótese aqui sugerida: o papel das vias de comunicação na construção da consciência nacional. Para o estudo aqui proposto nos basearemos exclusivamente no *ALBUM historiográfico de Ciencias, Artes, Industria, Comercio, Ganaderia y Agricultura*, publicado em 1910⁴, em dois volumes com 800 páginas.

Uma constante nas arengas das elites das províncias argentinas durante a comemoração do I Centenário de Independência em 1910 foi o progresso. Cada uma também discursou, de forma competitiva frente às outras, sobre nomes e sobrenomes, escudos de armas e árvores genealógicas. As identidades ficaram marcantes no momento de mostrar o grau de civilização, a ausência de índios nas suas comarcas, o potencial industrial e, num tom marcadamente *ufanista*, a beleza da paisagem e o número extraordinário de linhas de ferro. Chama a atenção o papel dado a estas como redentoras dessas áreas outrora distantes do centro político e administrativo representado pela província de Buenos Aires. A festa falada – em termos de Mona Ozouf (1976) –, durante a comemoração do Centenário, foi aproveitada nestas regiões para assentar uma posição de identidade em relação à capital do país⁵. O discurso

⁴ Nas seguintes citações, esta fonte será referenciada como ALBUM, 1910.

⁵ Sobre a comemoração da festa do Primeiro Centenário da Independência na Argentina, pode se consultar: LEDEZMA MENESES, Gerson Galo. “Relações internacionais no Cone Sul à época da

denota, assim, um alto grau de satisfação com os recursos naturais, com o território, com o progresso e as comunicações que os colocaram como parte integrante do Estado Nacional. A Argentina do centenário, sem dúvida, mostrava ter conseguido atrair suas elites provinciais ao centro administrativo. Pelo espaço limitado deste artigo, analisaremos apenas os discursos em duas províncias argentinas: Córdoba e Santa Fe e na cidade de Rosario.

Córdoba

Diego Fernández Espiro introduz o segundo volume do *ALBUM* ressaltando o alto grau de civilização da província de Córdoba, apelidada de *La Docta*, e o papel das vias de comunicação que agora atravessavam sem rumo as diferentes regiões. O que mostra que, na segunda metade do século XIX, a Argentina não se preocupou por estender linhas férreas, ligando apenas os centros econômicos ao principal porto, tal como aconteceu durante o período colonial. Em forma de poesia, Fernández Espiro pontua para Córdoba que “del progreso los prósperos caminos atraviesan sin rumbo sus regiones (...) (ALBUM, 1910, p. 1).

Nega dos laços de parentesco dos cordobeses de sangue espanhola qualquer relação com sangue indígena. Estes não podiam formar parte da cultura branca, de tradição hispânica, pois "el elemento indígena huía de la civilización" (ALBUM, 1910, p. 9). Outros tipos de brancos, explica, mesmo que europeus, também não formavam parte da classe alta da província de Córdoba, porque os europeus não espanhóis, que navegavam pelo rio da Prata, geralmente teriam ficado nas margens do mesmo e não se movimentaram para outras áreas. Depois de 1870, na medida em que o Estado argentino penetra materialmente as províncias e desenvolve as vias de comunicação, os imigrantes teriam afluído em número importante; "aprovechando las comodidades de la primera vía férrea, del Central Argentino, que vino á ser la gran aorta de la prosperidad de la provincia". Esta via, entre outras, haviam feito de Córdoba

próspera y fecunda e ofrece hoy una fisonomía altamente simpática, cruzada por doquier de vías férreas, amplios caminos para el tránsito rodado y largas vías telegráficas; sus antiguas villas, de carácter castellano y sedentario, hanse convertido en bellas ciudades del siglo XX, con todos los adelantos del día; las estancias se han tornado moradas suntuosas, en las que resplandece la luz eléctrica, ese signo infalible del progreso humano, y la actual pujanza industrial, agrícola y financiera ha levantado la provincia a la altura de la de Buenos Aires,

con la cual compite con éxito, ocupando, por derecho propio, el segundo lugar entre las catorce provincias argentinas. (ALBUM, 1910, p. 13)

O *Album* narra as riquezas da região comparando-as com as da província capital; menciona a terra como fator decisivo no desenvolvimento agropecuário; as estâncias de gado, a produção de couros e carne, alfafa, milho e algodão; "en cuanto a los equinos existentes en la provincia (...) 3.100.000, cifra que sólo puede compararse a la que ofrece la provincia de Buenos Aires" (ALBUM, 1910, p. 15-16). De maravilhosa podia qualificar-se a transformação operada na província desde 1870. Esta já não era a terra patriarcal e simples de antanho, e até a capital, a "docta Córdoba", teria se sentido contaminada por essa febre moderna da especulação e do negócio: a população aumentava, a pecuária crescia, a terra se trabalhava com força e a província mostrava por todas as partes seu contínuo florescimento.

A medida que se tienden nuevas vías férreas, la tierra virgen que las recibe pasa a manos de hábiles e inteligentes estancieros y agricultores, y en torno al novísimo apeadero se plantan ranchos, se echan semillas á manos llenas y á los pocos meses la maquinaria agrícola ayuda a los hombres á recoger las cosechas (ALBUM, 1910, p. 15-16).

Descreve a florescente industria e a relação com as vias de comunicação: "las vías férreas han abierto ancho campo á explotación forestal, facilitando y multiplicando los medios de transporte". Córdoba não apenas havia desenvolvido a indústria e o comércio senão as letras, a imprensa e a Universidade. As lutas sangrentas dos novecentos era assunto do passado, problema dos avôs e não da geração do Centenário, afirma; agora, em 1910, "nos sentimos satisfechos de nuestra situación" (ALBUM, 1910, p. 26).

Lembra do papel de Córdoba na federação e suas ideias de autonomia. Elabora-se um retrato negativo de Rosas e se reconhece 1852 (Caseros), "fecha célebre para Córdoba, la legislatura declara ya solemnemente á la provincia en pleno goce de sus derechos (...); por fin, logró la federación ser la base de una nacionalidad rica, próspera y potente, que hoy tiene fijos sobre sí los ojos de la vieja Europa y los de todo el mundo" (ALBUM, 1910, p. 28).

Argentina foi negando a identidade latina afrancesada, para se identificar com a hispânica, no final do século XIX e começos do XX, em contraposição à cultura anglo-saxônica. O discurso em Córdoba mostra também as ligações da elite com a cultura hispânica. Porém, por falta de fontes não sabemos se se tratava de um discurso recente,

ou se as elites nunca teriam rejeitado essas raízes. Em algumas regiões e cidades como Nueva Roma, eram pronunciadas vivas à Espanha também nos festejos comemorativos de finais do século XIX, inclusive por parte de alguns imigrantes italianos⁶. As vias de comunicação estabeleciam a ponte entre essas novas identidades e as elites portenhas promotoras desde finais do século XIX e começos do XX da *raça ibérica*, tão cara em 1910⁷.

A cidade de Córdoba é mencionada por Sarmiento em *Facundo* (1845). Refere-se a esta província nas décadas de 1810 e 1820 e, inclusive, desde o período colonial, como uma região e cidade repregada sobre si mesma, católica na suas ideias e práticas culturais; sua arquitetura conventual, onde cada família tinha um clérigo, uma freira, um corista e, ainda nas classes pobres, um sacristão, um coroinha; orgulhosa de seu sistema escravocrata, com dezenas de negros e negras dos que tiravam os maiores proveitos; menciona também suas universidades onde com dificuldade teria entrado o ensino de matemáticas, de línguas novas, de música, de artes. Uma comunidade acostumada a seu entorno próprio sem perceber o horizonte, cuja vida dos habitantes girava em torno de um lago, onde se davam muitas voltas, sem usar de outro tipo de vias que obrigasse a população a ver para outros lados, dando a sensação de imobilidade, de vida estacionária. “Esta ciudad docta”, afirmava Sarmiento,

no ha tenido hasta hoy teatro público, no conoció la ópera, no tiene aún diarios; y la imprenta es una industria que no ha podido arraigarse allí. El espíritu de Córdoba hasta 1829 es monacal y escolástico; la conversación de los estrados rueda siempre sobre las procesiones, las fiestas de los santos, sobre exámenes universitarios, profesión de monjas, recepción de las borlas de doctor (SARMIENTO, 1887. Ver Capítulo III- Sociabilidad – Córdoba –Buenos Aires (1825), pp. 102-118).

Nesse sentido, afirmava Sarmiento, Córdoba, a duras penas, sabia da existência de Buenos Aires. A Revolução de 1810 pouca influência teria tido nessa província educada pelos jesuítas e enclausurada pela natureza. Como as idéias revolucionárias poderiam ter eco, “si por fortuna atravesaban las pampas para descender a la catacumba española?” (SARMIENTO, 1887). Sarmiento relata a situação da Argentina da época, de províncias como Córdoba, La Rioja, entre otras, para contextualizar el papel de Facundo

⁶ Na região conhecida pela historiografia como *La Pampa Gringa* (sul da província de Santa Fé, junto ao sul cordobés e norte de Buenos Aires), no final do século XIX foi promovida a realização de uma cidade à imagem e semelhança de Roma, na arquitetura, “Nueva Roma”. Aí se projetou a construção de um edifício destinado a honrar a gesta de Cristóvão Colombo (HOURCADE, 2006, pp. 163-187).

⁷ Sobre a influência identitária hispânica na América, pode se consultar: (FIGUERO SALAMANCA, 2007, pp. 165-206); (GRANADOS, 2005, pp. 5-18); (CAPELATO, 2003, pp. 35-58).

Quiroga, “un caudillo que no quería nada con el resto de la República; allí un pueblo que nada más pedía que salir de su aislamiento” (SARMIENTO, 1887). Porém, para Sarmiento, el foco de civilización estaba en Buenos Aires, aonde afluíam de todas as partes, especialmente da Europa, o comércio a as ideias libertadoras. Ele valoriza o rio da Prata, desprezado pela Espanha, revitalizado depois pelo comércio que teria trazido durante a Independência o espírito e as ideias gerais da Europa; “los buques que frecuentaban sus aguas, traían libros de todas partes y noticias de todos los acontecimientos políticos del mundo” (SARMIENTO, 1887). Para Sarmiento barbárie era sinônimo de hispanismo, de religiosidade católica, mas de isolamento e falta de vias de comunicação, o que impedia a circulação de ideias e de livros, de “civilização”.

Porém, o discurso do Centenário mostra uma Córdoba “civilizada”, já não mais religiosa e católica como antanho. Inclusive menciona a colonização feita por imigrantes não hispânicos que aproveitando as linhas de ferro teriam se deslocado até a província de Córdoba. Dessa forma, podemos lembrar a preocupação de Juan Bautista Alberdi quando em meados do século XIX afirmava que sem vias férreas dificultar-se-ia a chegada dos europeus até paragens longínquas. Europeus teriam regenerado as costas, mas eram necessários para regenerar o interior. Os trens, afirmava, “são e serão a vida local de nossos territórios interiores e o que as grandes artérias são para os extremos interiores do corpo humano: manancial de vida” (ALBERDI, 1984, p. 81). Podemos afirmar que esse tipo de projetos, como o de Alberdi, da colonização através das vias de comunicação, ou educativo como o de Sarmiento, deu os resultados esperados. Aqui defendemos a hipótese de que para serem possíveis esses projetos, era de primordial importância o desenvolvimento das vias de comunicação que, no final do período, em 1910, teriam criado os laços de solidariedade entre as diferentes elites do país, a unidade política necessária para criar o consenso que as uniria em torno de um projeto econômico vinculado entre si, de caráter agroexportador ligado ao capitalismo internacional, como condição necessária para o desenvolvimento do nacionalismo.

Santa Fé

A província de Santa Fé também era “tierra de promisión, rico granero, pródiga madre de una nueva raza que en amorosa comunión abraza los fuertes hijos del trabajo austero...” (ALBUM, 1910, p. 65). Um dos territórios de mais gloriosa história e de mais belas paisagens; sua situação numa área de agradável clima fazia da região cobrir-se de lindas palmeiras. Terra apta para o plantio de algodão, café e cana de açúcar;

!Las flores! He aquí la suprema belleza de Santa Fe; su territorio florido como un mayo las ofrece por doquier con verdadera exuberancia de formas, de colores y de perfumes; la flor es el adorno natural que más la hermosea; es la alegría de los ojos que muestra la riqueza del terruño, porque donde las flores son bellas, han de ser forzosamente sabrosos los frutos y abundantes los vegetales productivos (ALBUM, 1910, p. 70).

Assim, no meio deste discurso *ufanista*, identificando a região com a natureza, criando um *imaginário geográfico* que comprometia terra natal com paisagens, flores, frutas e terra, a narrativa une natureza com progresso. Neste sentido, manifesta-se a importância do rio Paraná como principal via de comunicação, o qual "abre los puertos del Rosario y Santa Fe al comercio mundial..." (ALBUM, 1910, p. 70). Depois de descrever as guerras contra os índios pelos diferentes governadores da província, nossa fonte afirma que Buenos Aires os havia matado, em quando Santa Fe teria feito o possível para trazê-los á vida civilizada. Nesta região se tinha estabelecido a primeira escola, dirigida por Pedro Vega, vinte anos antes que em Buenos Aires.

Esta província havia sido a primeira a levantar a voz de independência contra a dominação espanhola. Região povoada por *criollos*, filhos de espanhóis nascidos na comarca; desta maneira, "el grito de Santa Fe fue hallando eco en todos los ámbitos de la República y pronto se convirtió en el grito de rebelión del pueblo argentino" (ALBUM, 1910, p. 72).

Ofreciendo en aras de su amor á la patria el oro de sus arcas y la sangre de sus hijos, que supieron sufrir heroicamente las penalidades de la campaña y compartir con los héroes de la Independencia los laureles de Chacabuco y de Maipó; y, en fin, en territorio santafecino fue donde se enarboló á los cuatro vientos por vez primera el noble pabellón argentino (ALBUM, 1910, p. 72).

Assim, esta região reivindicava a Independência argentina e tornava Santa Fe como *lugar de memória* da nacionalidade; também em constante alteridade com Buenos Aires, com miras a fortalecer sua identidade como precursora da ruptura contra Espanha.

Vejamos outro trecho do discurso pátrio em Santa Fe:

La nación argentina, como Venus, en la leyenda mitológica, nació completamente formada y extremadamente hermosa, y el pueblo extasiado ante tanta hermosura, lanzaba, ebrio de entusiasmo, el mágico grito de !Viva la Patria! que resonaba con la fuerza del trueno por todos los ámbitos del Río de la Plata (ALBUM, 1910, p. 72).

Entre 1902 e 1912 assumiu o Ministério das Relações Exteriores no Brasil o barão de Rio Branco. No seu *imaginário geográfico*, tal como no imaginário das elites

portuguesas coloniais, Brasil era uma Ilha, e no século XX ainda podia se reconstruir essa imagem, a Ilha Brasil, como no antigo mito colonial. O país havia herdado essa forma desde 1500 e em 1750 teria se confirmado por meio do Tratado de Madri entre os impérios espanhol e português. De tal forma, em 1822, quando o Grito de Independência ou Morte de Dom Pedro I, o Brasil já estava feito, nascia à vida independente com cara de Estado nacional. Porém, pelo discurso das elites de Santa Fe, também a Argentina, como no mito de Vênus, “nascia completamente formada e extremamente formosa” em 1810. O que significava que ainda na época do Centenário, o destino poderia presentear as elites argentinas com a reconstrução das antigas fronteiras do outrora Vice-reino do Rio da Prata.

Enquanto Córdoba e Buenos Aires negavam o parentesco indígena: "el espíritu nacional surgió pues en Santa Fé, tal vez porque en este territorio ofrecía el elemento indígena un conjunto más completo y más armónico que en las otras provincias..." (*ídem*).

Resgatar a nacionalidade em Santa Fé significava para as elites negar o hispânico. Claro! não podia ser de outra maneira; se o lugar da memória da Independência encontrava-se nestas terras, a *raça ibérica* não podia ser convocada tal como em Córdoba e Buenos Aires. De todos os modos, esse discurso, contra Espanha e a favor dos indígenas “civilizados”, não os distanciava totalmente do hispanismo e do americanismo pregados na época do Centenário. A festa comemorativa do Centenário mexicano, por exemplo, festejado por Díaz tentava reivindicar a imagem indígena; circularam vários cartões postais com as imagens do padre Morelos e do ditador Porfírio Díaz juntos, e outros mostravam cenas astecas. José Martí tentara também identificar *Nuestra América* junto ao indígena, enfatizando a sua contribuição, estabelecendo uma ponte entre as civilizações de antes da invasão europeia e a América Latina de seu tempo e do futuro; para ele, a nova América nossa é, em certo sentido, a recuperação das culturas autóctones (RODRÍGUEZ, 2006, p. 131). O ser latino-americano, nesse momento, significava ser mestiço, e ser mestiço significava resgatar o elemento índio, num sentido cósmico, tal como na proposta de Vasconcelos (1948). Porém, numa outra perspectiva, resgatar o mestiço não significava, necessariamente, resgatar o indígena, porém o branco no papel de preponderante e o índio e/ou o negro no papel de derrotados. Em outras palavras, resgatava-se o índio “civilizado” asteca, maia, chinha ou inca, mas não o índio dos séculos XIX e XX. Para o caso de Santa Fe, da época do

Centenário, resgatava-se um tipo de índio trazido para a civilização, tal como no discurso.

Segundo o *Album*, o desenvolvimento e o verdadeiro renascer da província só teriam sido possível finalizado o século XIX. Dois anos de boa colheita haviam bastado para operar o milagre de converter a cidade, pouco menos do que arruinada, num centro de atividade e riqueza;

en 1900 no quedaba en Santa Fe más allá de 300 trilladoras; actualmente hay matriculadas unas 1.600: el ferrocarril francés en aquella fecha no transportaba sino unas 20.000 toneladas en la extensa zona que sirve, y en 1905 transportó más de 400.000 (ALBUM, 1910, p. 95).

A área de cultivos que nos anos de crise havia descendido até 1.813.000 hectares tinha aumentado em 1910 a 2.500.000 toneladas. Estes aumentos, com certeza, tinham a ver com o desenvolvimento de uma política estatal respeito às vias de comunicação como reconhecia o *Album*:

Bajo la égida del Estado, multiplícense los puertos y los caminos, lo cual acrece el comercio, y por ende el tránsito rodado y acemilar, de una manera notable. En un solo año, Santa Fé ha invertido en esas obras de comunicación 250.000 \$, lo cual, unido á haber fusionado el gobierno santafecino los diversos tributos de tránsito que antes se pagaban, en uno solo, da á la vida mercantil un impulso extraordinario (ALBUM, 1910, pp. 95-96).

A obra magna do porto da província de Santa Fe, como reconhece nossa fonte estudada, avanzava constantemente; considerada verdadeira obra de titãs, valorada em cinco milhões de pesos, “ha de dar salida al quebracho y al trigo del centro y del Norte de la provincia, en la fabulosa cifra de un millón de toneladas anuales, sin contar los miles de toneladas de otras mercancías que corresponden al comercio fluvial” (ALBUM, 1910, p. 96).

Depois de mostrar moinhos e fábricas da província através de fotografias, o *Album* afirma que “doquiera el paso de la civilización ha marcado sus huellas, fructifica rápidamente el progreso y se extiende la cultura en términos admirables” (ALBUM, 1910, p. 101).

Assim, civilização e progresso eram considerados os responsáveis pelo desenvolvimento da região; porém, por meio do progresso avançava a cultura; e estes elementos haviam aparecido através das estradas de ferro que, tanto na Europa quanto na América Latina, e especialmente em países como a Argentina e o Chile, estavam

unindo e formando o que posteriormente a historiografia chamaria de Estados nacionais e consciência nacional. Em Santa Fe reconhecia-se a ligação existente entre progresso, vias férreas e cultura:

Tan pronto, avizorando el porvenir, pudo el progreso extender los rieles, facilitar la comunicación, que es lo esencial en la vida moderna, el paso de la locomotora fue el himno de triunfo de la cultura. Las selvas vírgenes, los umbríos bosques, fueron emporios de riqueza mediante el trabajo (ALBUM, 1910, p. 101).

Muito interessante perceber a forma como a consciência nacional se havia ido arraigando nas *almas* das elites destas regiões. Tanto Córdoba quanto Santa Fé se ligam a Buenos Aires de onde tentam extrair os elementos necessários para construir a sua própria identidade; não mais para reviver as épocas separatistas ou autonomistas ou negar o papel da capital como centro político e administrativo. Reconhecia-se a unidade nacional como principal ponto de partida para encarar o progresso e a civilização.

Em Córdoba, depois da derrota do *tirano* Rosas, em 1852, o governador Alejo Guzmán havia iniciado uma era de liberdade e relativa tranquilidade; o povo havia chegado à sua maioria, conhecia direitos e deveres e sabia que o interesse comum lhe obrigava a receber com os braços abertos as conquistas e as empresas da civilização.

Así fue como los pensadores, los políticos y los hombres de leyes pudieron pensar en levantar sobre terreno firme el hermoso edificio de la Patria común; así fue como aquel espíritu autonómico que comenzó a manifestarse cuando la lucha por la independencia, pudo influir poderosamente en la confección de la Constitución nacional, y como, por fin, logró la federación ser la base de una nacionalidad rica, próspera y potente, que hoy tiene fijos sobre sí los ojos de la vieja Europa y los de todo el mundo moderno (ALBUM, 1910, pp. 27-28).

O discurso centenário aceita a ligação entre nacionalismo, progresso e civilização. Uma vez consolidada a paz, o capitalismo mundial teria sido decisivo na organização territorial ao oferecer vantagens econômicas em troca da unidade nacional. Assim, o progresso teria se construído sobre as bases de um *formoso edifício chamado pátria*, e, dessa forma, então, poder construir *uma nacionalidade rica, próspera e potente*, reconhecida internacionalmente. Por sua vez, as vias de comunicação não só serviriam de escoamento de mercadorias desde as províncias rumo ao mercado internacional, passando pelo porto de Buenos Aires. As comunicações férrea e fluvial teriam sido usadas como mecanismo de transmissão cultural. A nacionalidade não funcionaria ligada apenas a projetos econômicos, também seriam introduzidas novas práticas culturais; a cultura marcaria presença nas diferentes comarcas da federação por

meio das vias de comunicação encarregadas de transportar pessoas, símbolos, imagens, livros, jornais e todos os elementos usados, nestes casos, para promover o amor à pátria. Buenos Aires e as elites locais teriam que pactuar e veicular padrões culturais, e ir fabricando o que depois do Centenário conheceríamos como *Argentinidad*⁸. Edmundo Heredia admite que:

las comunicaciones han servido para vincular entre sí a regiones, naciones, ciudades y pueblos; también han sido a veces el origen de poblamientos y el instrumento indispensable para iniciar la explotación de recursos naturales. Ellas han constituido así una primera red infraestructural para las relaciones. Tomadas en el sentido extenso de agentes de difusión e intercambio de bienes materiales, de traslado de personas, de transmisión de ideas y de novedades, parecen constituir un campo de la realidad lo suficientemente vasto y comprensivo como para coadyuvar al conocimiento integral de un sistema de relaciones entre grupos sociales y culturales (HEREDIA, 1994, p. 14).

Finalmente as vias de comunicação converter-se-iam na via da redenção para determinados projetos, como preconizado por Juan Bautista Alberdi: a imigração - como meio de progresso para a América do Sul, especialmente para a Argentina-, ferrovias e livre navegação. Seria através do Atlântico que cruzaria o contingente que civilizaria o país; por sua vez, esses exércitos de imigrantes deslocar-se-iam por meio de vias de ferro e fluviais. Eles povoariam com suas ideias, com suas maneiras. Eles refletiriam na população nativa o novo modelo do Estado nacional trazido da Europa e dos Estados Unidos e implantado em território argentino.

Cada europeu que chega a nossas praias nos traz mais civilização com seus hábitos, que logo transmite a nossos habitantes, do que muitos livros de filosofia (...) Queremos plantar e aclimatar na América a liberdade inglesa, a cultura francesa, a laboriosidade do homem da Europa e dos Estados Unidos? Tragamos pedaços vivos deles por meio dos costumes de seus habitantes e radiquemo-los aqui (ALBERDI, 1994, p. 75).

Modelos de Estado nacional e de nacionalismo que junto com as práticas culturais impostas pelo estado argentino, iriam delineando a nova nacionalidade Argentina. Porém, para realizar essa obra gigantesca, seria por meio das estradas de ferro e do telégrafo elétrico, “que são a supressão do espaço, realizam esse portento

⁸ Em 1919 BELTRÁN, Juan G. publicou *La Argentinidad, sus orígenes y sus características más resaltantes*. Destaca, entre os elementos mais importantes da argentinidade a língua latina como a mais importante língua do futuro, que haveria de substituir as línguas mais difundidas na época. Define Pátria Argentina como uma sociedade fundida em um solidário sentimento e em análogas formas de pensar, de proceder, de mover-se e de buscar um mesmo fim pessoal e coletivo. “La Patria es la armonía y la concordia de todos sus habitantes, mancomunados por el afecto y el recíproco respeto; a su amparo la libertad germina lozana y nadie estorba a nadie”. O patriotismo consistia em amar, honrar e servir à Pátria. As inspirações do patriotismo e da cultura haviam triunfado sobre a anarquia, sobre as violências e as opressões; o ar saudável da democracia tudo penetrava e vivificava.

melhor do que todos os potentados da terra. A ferrovia inova, reformula e transforma as coisas mais difíceis sem decretos nem motins” (ALBUM, 1910, p. 80-81).

Rosario e o *Pampa Gringo*

No mesmo sentido, também Rosario, a capital de Santa Fe, havia saído do anonimato por meio das vias de comunicação e se projetara no concerto da civilização e da cultura nacionais: “nueva Ave Fénix, resurgiendo de sus propias cenizas (...); incorporándose a la vida argentina, contando con la gran ventaja de su puerto parece sacudir su melena de león para la lucha por la libertad y el progreso” (ALBUM, 1910, p. 103). Não apenas havia sido o porto o motivo da integração da cidade com a nação argentina, fora

en 1863 (quando) Rosario, la pequeña ciudad bulliciosa, sonriente, reveladora de alientos indecibles, ve inaugurar solemnemente lo que constituye la palanca más poderosa, el elemento vital más enérgico para su desarrollo: la vía férrea, el primer tren, que parecía acudir solícito al llamamiento de un organismo ansioso de vivir la vida en grande, seguro de sí mismo, en el concierto de la más refinada civilización y la cultura más brillante (ALBUM, 1910, p. 106).

Na cidade de Rosario convergiam as linhas da Central Argentina: Rosario a Puerto Belgrano, Oeste de Buenos Aires, província de Santa Fé, Córdoba, e Rosario com extensão a Buenos Aires. Além dessas vias, “hay quince líneas de tranvías á tracción eléctrica, que prestan servicios por el interior de la ciudad y los suburbios”. Nesta ordem de ideias, não havia que “decir más para pintar un alma colectiva. No hay que decir más para probar que Rosario es actualmente, - y será con creces en lo adelante (sic), - legítimo orgullo de la nación argentina” (ALBUM, 1910, p. 110).

As festas de inauguração das estradas de ferro serviam para acercar ainda mais o Estado das províncias por meio da presença dos governantes. Assim, por exemplo, em 1884 na inauguração da linha Oeste Santafesina, no seu primeiro trecho de Rosario a Villa-Casilda, a festa contou com a presença do presidente general Roca e o ministro do Interior senhor Iriondo (ALBUM, 1910, p. 139).

O monumento à Agricultura, levantado na cidade de Esperanza, sintetizava, em grande medida, o que o discurso do Centenário tentava passar: o papel do progresso em cem anos de Independência entrelaçado com a vida republicana; porém, nesse quadro, a intervenção simbólica, neste caso, da bandeira, da República mulher e dos heróis como unificadores da nação:

el monumento va coronado con la estatua de la República, que tiene en su diestra el ‘Haz Romano’, símbolo de la Unión y la Fuerza, y en la izquierda la bandera nacional. Casi a la misma altura aparece la figura del general San Martín, factor principal de la independencia, y á constitución se destaca la de la Agricultura, simbolizada por una matrona cuyos cabellos están ceñidos por un lazo formado con espigas y un haz sobre su falda, al tiempo que hace acción de entregar al caudillo el laurel de la victoria... (ALBUM, 1910, pp. 146-149).

O *pampa gringo*, região que, como afirmado anteriormente, resumia diferentes províncias: sul de Santa Fé, sul de Córdoba e norte de Buenos Aires, é um bom exemplo para verificar o papel das vias de comunicação na construção do nacionalismo, especialmente as vias férreas que se multiplicaram no final do século XIX. Nesta área de *pampa húmeda*, a arquitetura das cidades e vilas obedecera à configuração das linhas de ferro. Os traçados urbanos eram delimitados para os dois lados da ferrovia, e, nesse sentido, os loteamentos iam crescendo em volta da linha para construção dos bairros, mas, principalmente dos edifícios públicos, das escolas, o cemitério e também o comércio. A linha de ferro converter-se-ia na alma redentora dos novos povoados. Por meio delas chegavam os utensílios necessários para o desenvolvimento da “civilização”. Proliferavam nestas novas cidades, no final do século XIX e começo do XX, jornais e revistas de diferentes tipos, grupos artísticos inclinados à ópera ou ao teatro, grupos de iniciação à literatura ou estudiosos de diversos temas que se reuniam para formar bibliotecas (HOURCADE, 2006).

Mencionamos a fundação da cidade de Nueva Roma, projeto de Juan Pescio, no final do século XIX. Interessa-nos relevar as diferentes representações que nos ajudam a mostrar nossa hipótese sobre o surgimento do nacionalismo nestas comarcas depois da implantação das vias de comunicação. Nessa cidade, em época de comemoração da fundação, são representadas a velha Roma e a Nova, em diálogos realizados por duas moças da cidade. Roma “mãe” lhe oferece uma palma à “filha”; esta responde:

Madre, orgullosa acepto la palma con que premias mis humildes sentimientos, y te juro que sabré conservarla pura, siendo para mi un amuleto contra las funestas intrigas del Partido Negro (Iglesia Católica). En estas lejanas regiones del Plata, en esta gloriosa República Argentina que es mi patria nativa y a la sombra de los sagrados colores blanco y azul, mostraré al universo que sé conservar bien y difundir mejor las ideas de libertad que me han sido enseñadas (HOURCADE, 2006, p. 168).

Em alteridade com a pátria de origem, os imigrantes iriam assimilando, por meio da força do Estado, suas novas representações nacionais. Distantes dos seus países do além mar, os chegados a estas comarcas, tiveram que ir construindo o amor à pátria que,

com o correr dos anos, irá afastando seus netos da pátria original. Em 1910, ano do Centenário, em Alcorta, por exemplo, o comércio fechou as portas; o convite à comemoração da data, assim convocava:

guiados por un mismo ideal, y confundidos en una sola agrupación, nos vemos argentinos y extranjeros, rodeando el sagrado emblema de la patria cuyos valores simbolizan la inmensidad del infinito y la bondad sin límites, así sentiremos latir nuestros corazones ante la gloriosa enseña de mayo (HOURCADE, 2006, 174).

Nas cidades do *pampa gringo*,

la Plaza de la localidad es el emplazamiento obligatorio de las ceremonias oficiales, que son básicamente de dos tipos: por una parte, las conmemoraciones de la ‘argentinidad’ – 25 de Mayo y 9 de Julio -, y en segundo lugar, el festejo de la fundación local (HOURCADE, 2006, p. 179).

Oscar Oszlak e a construção do Estado Nacional Argentino.

Oscar Oszlak trabalha a construção do Estado Nacional na Argentina do ponto de vista do material e do ideal. Menciona a difusão de símbolos, valores e sentimentos de pertencimento a uma comunidade diferenciada por tradições, etnias, língua e outros fatores de integração que configuram a identidade coletiva. Ele reconhece que “la experiencia latinoamericana no se aparta del ‘clásico’ patrón europeo. Es decir, el surgimiento de condiciones materiales que hacen posible la formación de un mercado nacional es condición necesaria para la constitución de un estado nacional” (OSZLAK, 1985, p. 17). Para ser possível a construção de um Estado efetivo depende fundamentalmente do grau de articulação conseguido entre os interesses rurais e urbanos, “lo cual a su vez estuvo relacionado con las condiciones existentes para la integración económica del espacio territorial” (OSZLAK, 1985, p. 23). Para Argentina e Colômbia o autor salienta

la precariedad de las economías regionales, la extensión territorial, las dificultades de comunicación y transporte, el desmantelamiento del aparato burocrático colonial y las prolongadas luchas civiles que reflejaban la falta de predominio de una región o de un sector de la sociedad sobre los otros, (lo que demoró) por muchos años el momento en que tal amalgama se produciría (OSZLAK, 1985, p. 25).

Além das guerras civis que impediam a formação de um Estado Nacional argentino, Oszlak analisa também a falta de recursos econômicos e administrativos para poder desenvolver interesses regionais e resolver as pugnas econômicas entre si; pois as rivalidades lhes impediam encontrar a possibilidade imaginar e concretizar um sentido nacional. Analisa a ausência de um sistema central de dominação e de alianças que

poderiam ter permitido sentar as bases políticas e institucionais do Estado nacional. Verifica que 1810 rompe com o sistema de dominação espanhol, primeiro passo na substituição do Estado colonial pelo Estado nacional. Sem embargo,

los arrestos separatistas producidos en el litoral y en el interior, indicaban que la unidad de la nueva nación no podía reposar únicamente sobre referentes ideológicos. Si las luchas de independencia creaban alguna forma de identidad colectiva y de sentimiento de destino común - gérmenes de la nacionalidad -, éstos se diluían en la materialidad de una existencia reducida a un ámbito localista, con tradiciones, intereses y liderazgo propio (OSZLAK, 1985, p. 40).

Na Argentina a formação de caudilhos regionais converteu as comarcas em eixo de interesses pessoais associados à política e suas economias de caráter colonial isolados nas antigas cidades; “separados por la distancia, la agreste geografía o las franjas territoriales bajo dominio indígena, estos centros de poder se integraron en torno a la figura carismática de caudillos locales”(OSZLAK, 1985, p. 41). Embora Buenos Aires lutasse por cumprir a função do Império espanhol, “la idea de patria no podía sustraerse al aislamiento, a la virtual inexistencia de vínculos materiales o morales” (Idem). Oszlak afirma que “la idea de nación no se funda únicamente en referentes abstractos ni adquiere materialidad simplemente a través de un hecho revolucionario o una formalidad constitucional” (OSZLAK, 1985, p. 42). Era preciso, então, primeiro criar circuitos econômicos e de comunicação que integrassem os mercados e tirassem do isolamento estas províncias, dando satisfação aos líderes e/ou fazendeiros destas regiões e assegurar as fronteiras contra os índios.

A região pampeana-litorenha havia estado ligada a um sistema econômico internacional desde a primeira metade do século como exportadora de bens primários e importadora de produtos industriais. Desta forma, Buenos Aires vai-se colocando à cabeça das outras províncias, formando um mercado ativado pelo porto do rio do Prata e monopolizando as rendas que deveriam ser nacionalizadas. Não obstante, até bem entrada a segunda metade do século XIX, a província de Buenos Aires não conseguiria resolver a **crise de penetração e legitimidade** sobre as outras; menos ainda instaurar um sistema de economia liberal que lograsse integrar as regiões e, dessa forma, resolver também o problema da **crise de representação e distribuição**. Resolver os vários problemas significava então uniformizar o sistema monetário, abolir as alfândegas internas e, especialmente, criar vias de comunicação para ativar o comércio interprovincial. No entanto, antes de mais nada, , as elites provinciais e portenhas teriam que dar garantias de paz e acabar de resolver a **crise de identidade** que os levasse a

construir uma consciência nacional. A solução para estas crises se localiza depois de *Caseros*, uma vez derrotado Rosas, "*el Tirano*", tal como asseguram as elites do Centenário nestas províncias antigamente açoitadas pela violência. "La 'internacionalización' de la vida económica aparecía así como condición necesaria para la 'nacionalización' de la sociedad argentina" (OSZLAK, 1985, p. 50). Porém, essa internacionalização seria apenas possível a través da construção de estradas de ferro, entre outras. Na medida em que, como anota Oszlak, "el progreso se constituía en idea integradora de la sociedad, síntesis del pasado y profecía del futuro" (OSZLAK, 1985, p. 51).

Depois de Rosas, as elites fizeram uma rigorosa avaliação do presente e estabeleceram as metas para sair das crises. O país carecia de vias férreas, vastas extensões de terra ainda permaneciam em poder dos indígenas e a imigração havia fracassado até o momento. A livre navegação dos rios e a eliminação de alfândegas internas geraram novas possibilidades de intercâmbio comercial e formação de mercados. Isto contribuiu a produzir uma paulatina transformação da estrutura social do país. Buenos Aires e as províncias do litoral continuaram a crescer. Mas, ter derrotado Rosas não significava ter acabado com a política centralizadora de Buenos Aires. O aparelho administrativo e judiciário era precário, não tinha alcances nacionais, de dominação simbólica nem real. O segundo passo foi a de impor um diálogo entre as províncias e o centro administrativo. Respeitar a autonomia da província e respeitar os poderes já estabelecidos em períodos anteriores sem se posicionar contra o total domínio de Buenos Aires. Outro objetivo era a formação de um exército nacional até agora ausente. O país deveria ser capaz de estruturar um mercado nacional "y hacer viable un estado capaz de asegurar condiciones de estabilidad y progreso material" (OSZLAK, 1985, p. 84).

O papel do partido liberal-nacionalista seria o de levantar a bandeira nacional e localista ao mesmo tempo, ou seja, defender os interesses da nação e os da província. Papel desempenhado a partir de 1862 quando se começou a institucionalizar o poder, mas já não mais à força como antes. Como a integração social se conseguiria mediante o progresso e a "civilização", a partir de determinado momento toda mobilização de forças contrária a esse objetivo, fora considerada como "levante" ou "rebelião interna", declarada objetivo militar. O governo central apoderou-se de certas prerrogativas antigamente em poder das províncias como a administração de justiça de última

instância; assim também a emissão de moeda. Apropriar-se dessa ordem significou o extermínio dos índios ao considerar suas resistências como “rebeliões internas”. Também se reduziria o poder da Igreja. Objetivos alcançados na medida em que o Estado pudesse penetrar as províncias e deslocar suas elites e as suas comarcas para o âmbito nacional. A solução estava na construção de vias de comunicação como mecanismo de penetração. Além da construção de estradas, a organização de telégrafos e de correios, fazia-se necessário o controle sanitário, o incentivo à imigração, à formação dum corpo docente capaz de inculcar as simbologias pretendidas na tarefa de criar a unidade nacional.

Entre as modalidades de penetração usadas pelo Estado, Oszlak destaca: a repressiva, que supunha a organização de uma força militar unificada e distribuída territorialmente, com o objetivo de prevenir e sufocar toda tentativa de alteração da ordem imposta pelo Estado nacional; a de cooptação, que significava o apoio entre os setores dominantes e do governo interior, por meio de formação de alianças e coligações baseadas em compromissos e prestações recíprocas; a material: obras públicas, serviços capazes de estabelecer o progresso; por último, a ideológica, capacidade de criação de símbolos nacionais, difusão de valores, etc.

Consideramos que as várias modalidades de penetração, propostas por Oszlak, só seriam efetivas, quando o Estado central desenvolvesse, em primeiro lugar, a penetração por meio das obras públicas, especialmente as vias de acesso à província por onde pudesse mobilizar-se o Exército nacional para poder impor a ordem; estes, por sua vez, levavam símbolos e imagens da nação. Em segundo lugar, só através das vias de comunicação, o Estado central poderia entrar às províncias para estabelecer pactos com as elites regionais: incentivo ao mercado, integração destes com as outras províncias e Buenos Aires. Assim, esses mecanismos valorizariam as terras dos fazendeiros e políticos. Acreditamos que apenas os pactos políticos poderiam se estabelecer sem necessidade de vias de comunicação; porém, ao Estado não lhe interessava o isolamento das províncias, lugares distantes onde se haviam formado elites e caudilhos que manejavam a região na defesa de interesses próprios, desconhecendo o poder do centro.

Correspondia a Buenos Aires ter a capacidade de “desequilibrar la correlación de fuerzas políticas a nivel regional” (OSZLAK, 1985, p. 119). Atrair ao sistema político nacional às elites provinciais significava a criação de um Congresso que representasse os interesses da província; assim, “se trataba de incorporar a los sectores dominantes del

interior, no tanto como representantes de intereses regionales o locales sino más bien como componentes de un nuevo pacto de dominación a nivel nacional” (OSZLAK, 1985, p. 121). Este pacto de dominação requeria também de um elevado nível de burocratização.

Esta particular conformación del espacio había tenido hasta entonces profundas repercusiones sobre la sociedad argentina. Afirmada por las distancias y el consiguiente aislamiento, había debilitado el desarrollo de vínculos nacionales, sentimientos de pertenencia y comunidad de destino, factores no desdeñables en la intensidad que adquirieron las guerras interiores. También había impedido la formación de un mercado nacional. En el interior, las producciones locales no consumidas dentro del ámbito geográfico inmediato, eran dificultosamente derivadas hacia los mercados a los que permitían acceder las antiguas y precarias rutas coloniales (OSZLAK, 1985, p. 135).

O que mostrava, finalmente, que “la organización nacional no podía apelar únicamente a argumentos ideológicos”, porque “si bien la gesta emancipadora arraigó sentimientos de nacionalidad, al mismo tiempo exaltó un férreo localismo que se constituyó en importante escollo para el afianzamiento de un orden nacional” (OSZLAK, 1985, p. 136).

O isolamento, manifestado pelas crises de penetração e integração, era propiciado pela própria natureza e a carência de recursos econômicos; neste sentido, a falta de comunicação impedia conformar circuitos; a afluência de capitais e de homens para povoar os vazios. Homens que explorassem as terras e começassem a exploração do deserto. Homens capazes de construir a infra-estrutura física “que ligara las distintas etapas del proceso económico”; porque enquanto isto não acontecesse “la sociedad argentina no rompería su cerrado localismo ni emergería de su tradicional y mediocre nivel de existencia material” (OSZLAK, 1985, p. 137).

Na Argentina de 1862 existiam regiões totalmente desconhecidas e cidades sem comunicação desde os tempos coloniais o que, segundo as *Memórias do Interior*, citadas por Oszlak, impediam a fraternidade entre estes povos; o que existia então era uma profunda indiferença entre as províncias, “separadas así por largas distancias, y por obstáculos naturales que apenas se han intentado superar”. Para ir de uma para outra província havia que caminhar enormes distâncias e muitas vezes a inexistência de água impedia fazer as travessias; acidentes geográficos como montanhas e rios caudalosos e a falta de pontes impedia a passagem. Em 1862 o Poder Executivo autorizou a construção da ferrovia de Rosario a Córdoba, seguida de outras construções desde 1880 até 1910. A

escalada na construção de obras públicas precisou de vastos contingentes de operários nacionais e estrangeiros que aprenderam a conhecer o território nacional e a espalhar a idéia de nacionalidade, de pertencimento a um país chamado República Argentina.

Basta considerar la construcción y reparación de puentes y caminos; la construcción de telégrafos, puertos, edificios públicos; la canalización de ríos; la edificación de escuelas (a razón de 30 por año); la conversión de fortines en pueblos; la construcción de ciudades completas como La Plata; la contratación de agrimensores y técnicos para el estudio de la topografía, medición y subdivisión de las nuevas tierras conquistadas; las tareas de estibaje portuario, las obras de defensa de terrenos bajos; o la construcción de obras de infraestructura en las cabezadas de los nuevos territorios nacionales (OSZLAK, 1985, p. 151).

Deste modo, segundo Oszlak, el estado nacional se había convertido en el núcleo irradiador de medidas de comunicación, regulación y articulación social, cuya difusión tentacular facilitaba las transacciones económicas, la movilidad e instalación de la fuerza de trabajo, el desplazamiento de las fuerzas represivas y la internalización de una conciencia nacional (OSZLAK, 1985, p. 153). Consciência nacional claramente manifesta pelas elites locais na festa do Primeiro Centenário da Independência. Que encontraram no “progreso” e na “civilização” a forma de comungar com o Estado Nacional argentino.

Considerações finais

Depois de fazerem as pazes, apaziguados os conflitos entre as diferentes províncias argentinas e Buenos Aires, acabando assim com frequentes guerras civis, o país foi definindo o mapa atual da Argentina, de acordo com o que as elites, da segunda metade do século XIX, entendiam por Estado nacional. Províncias que se reconheceriam na relação com o mundo capitalista internacional. Porém, nesse sentido, as vias de comunicação seriam de fundamental importância na construção do “progreso”; as vias férreas tomaram os pampas, as cordilheiras e o deserto. Por meio das vias também chegaria o material de construção para as escolas onde se transmitiriam as ideologias e os imaginários de nacionalidade. Projeto de educação, como fundamento de “civilização”, bastante discutido entre ideólogos da nação como Alberdi e Sarmiento. Finalmente o projeto educativo também se colocou em andamento, e pelas vias de comunicação tais como estradas, linhas de ferro e caminhos chegariam os livros, as cartilhas, os hinos e os tecidos para desenhar a imagem da bandeira nacional. E, na medida que avançavam as vias de comunicação, iam se encurtando

Las distancias entre los centros poblados de la vasta campaña de Buenos Aires, que en esa época se extendía por el Oeste y Sur hasta la

cordillera de los Andes y hasta Magallanes; las implacables distancias que obstaculizan la radicación regular de los progresos y la aproximación de los hijos del mismo suelo, no se habían podido salvar durante cuarenta años de guerra civil... Ni el capital argentino (...) ni el capital extranjero (...) se habían decidido – hasta el año 1857 á establecer una línea de vapores que hiciese un servicio regular entre el puerto de Buenos Aires y los de los ríos interiores, ni un (sic) línea férrea que uniese á la Capital fuese con las campañas más próximas a ella (SALDÍAS, 1988, p. 84)

Confrontando o discurso das classes altas e da historiografia sobre as vias de comunicação, podemos afirmar que estas têm tido papel fundamental na construção da integração nacional, ou do nacionalismo. Depois da caída de Rosas, Alberdi herda o seu autoritarismo e projeta uma Argentina forte economicamente, ligada ao mercado mundial. Um país veiculado pelas elites letradas e as classes agroexportadoras em aberta aliança com os imigrantes. 1910, o ano da comemoração do Primeiro Centenário da Independência, serviria de termômetro na medição do projeto dessas elites da segunda metade do século XIX, da queda de Rosas ao Centenário. O discurso festivo mostra que Alberdi tinha razão quando depois de 1852 profetizava o seguinte:

Sem estradas de ferro não tereis unidade política em países onde a distância torna a ação do poder central impossível. Quereis que o governo, que os legisladores, que os tribunais da capital litorânea legislem e julguem os assuntos das províncias de San Juan e Mendoza, por exemplo? Trazei o litoral até essas paragens pela ferrovia ou vice-versa, colocai esses extremos a, pelo menos, três dias de distância (...) Assim, pois, a unidade política deve começar pela unidade territorial e somente a estrada de ferro pode fazer de duas paragens separadas por quinhentas léguas uma paragem única (ALBERDI, 1994, p. 81).

Em 1910, as elites argentinas reunidas em volta da festa comemoraram cem anos de Independência, tendo a certeza que esse mundo de prosperidade que haviam fabricado desde décadas anteriores, nunca acabaria. 1910 mostrou também que “quienes no pertenecen a esas elites no recibirán ningún aliciente que haga menos penoso ese período de rápidos cambios e intensificados esfuerzos” (HALPERIN DONGHI, 1982, p. 39).

A importância das vias de comunicação na construção do nacionalismo argentino, da segunda metade do século XIX e começos do XX, pode ser comparada com a de outros países. Cândido Tavares Bastos tinha razão quando, em seu desespero, comparava o Brasil incomunicado com países da Europa, com os Estados Unidos e Argentina. Na França, por exemplo, a unidade nacional não se faria apenas durante a Revolução Francesa. Seria então "ao começar a Terceira República (1870-1914), quando o Estado francês criou as redes de comunicação, de ferro e de rodagem e amplos

programas de educação, que tornaram os camponeses franceses". A única maneira pela qual os camponeses se articularam ao Estado nacional fora assumindo uma identidade de cidadão nacional. Como? pergunta o autor. Deixando do lado seu sentido de pertencimento local, ao vale, ao povoado, à vila, deixando sua identidade local para pertencer assim a uma nação; substituindo o amor ao local pelo amor ao nacional. Numa constante dialética entre região e nação (TAVARES BASTOS, 1870).

Referencias Bibliográficas

ALBERDI, Juan Bautista. *Fundamentos da organização política da Argentina*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: FCE, 1993.

BELTRÁN, Juan G. *La Argentinidad, sus orígenes y sus características más resaltantes*. Buenos Aires, 1919.

CAPELATO, Maria Helena R. "A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica". In: *HISTÓRIA*, São Paulo, 22 (2): 35-58, 2003.

Centenário Argentino. ALBUM historiográfico de Ciencias, Artes, Industria, Comercio, Ganaderia y Agricultura. Buenos Aires: CABRAL, FONT Y CIA, 1910.

EISENSTEIN, Elizabeth L. *The Printing Revolution in Early Modern Europe*. Cambridge University Press. Cambridge: Nova York, 1993.

FIGUERO SALAMANCA, Helwar Hernando. "El imperio espiritual español: lengua, raza y religión (1930-1942)". In: *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, número 34, 2007.

GELLNER, Ernest. *Naciones y Nacionalismo*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

GRANADOS, Aimer. "Hispanismos, nación y proyectos culturales: Colombia y México: 1886-1921. Un estudio de historia comparada". In: *Memoria & Sociedad*, vol 9, número 19, julio/diciembre de 2005.

HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S.A., 1982.

HEREDIA, Edmundo. "Reflexiones sobre el espacio y las comunicaciones en América Latina". In: HEREDIA, Edmundo (org.). *América Latina: Isla o Archipiélago. El rol de las vías de comunicación en la estructuración espacial latinoamericana*. Córdoba: CIFYH, 1994.

HOBSBAWM, Eric & RANGER Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Nations and nationalism since 1780. Programm, mith, reality*. Cambridge, 1990.

HOUSCADE, Eduardo. "La pampa gringa, invención de una sociabilidad europea en el desierto". In: DEVOTO, Fernando & MADERO, Marta (org.). *Historia de la vida privada en la Argentina*. Vol. 2 La Argentina plural: 1870-1930. Buenos Aires: Taurus, 2006.

KONIG, Hans-Joachim. *En el Camino Hacia la Nación. Nacionalismo en el proceso de formación del Estado y de la Nación de la Nueva Granada, 1750-1856*. Bogotá: Banco de la República, 1994.

LEDEZMA MENESES, Gerson Galo. “Relações internacionais no Cone Sul à época da comemoração do I Centenário de Independência na Argentina.” in *Revista Brasileira de Política Internacional, RBPI*. Ano 49, número 1, 2006.

MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria. Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Unesp/Moderna, 1997.

OSZLAK, Oscar, *La Formación del Estado Argentino*. Buenos Aires, Editorial de Belgrano, 1985.

OZOUF, Mona. *La fête révolutionnaire*. Paris: Gallimard, 1976.

RODRÍGUEZ, Pedro Paulo. *MARTÍ – e as duas Américas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SALAS, Horacio. *El Centenario. La Argentina en su hora más gloriosa*. Buenos Aires: Planeta, 1996.

SALDÍAS, Adolfo. *Buenos Aires en el centenario –Vol. III-* Buenos Aires: Hyspamérica, 1988.

SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: civilización y barbarie*. Buenos Aires: Claridad, 1887.

TAVARES BASTOS, Cândido. *A Província*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1870.

VASCONCELOS, JOSÉ. *La Raza Cósmica*. México: Espasa Calpe, 1948.